



N.º 138 — LISBOA, 3 DE SETEMBRO



A

PARODIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros... 500 réis 52 10000 Cobrança pelo correio custa..... 100 Estrangeiro, accrece o porte do correio.</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras</p> <p>PROPRIETARIOS</p> <p>RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p> <p>Re. Jacção — RUA DO GREGIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES</p> <p>Administração — R. DO GREGIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição : Minerva Peninsular 111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão : Lythographia Artística, Rua do Almada, 32 e 34</p> <p>EDITOR — CÂNDIDO CHAVES</p>
--	---	--

OS DIREITOS DA CERVEJA por CELSO HERMINIO



(HERM) 192

Direitos que se entortam



ACABA de verificar-se entre nós, um facto inteiramente desolador.

Tendo o governo deliberado, a exemplo do que fazem as nações que possuem uma marinha de guerra, realisar manobras navaes no proximo outono, foi reconhecido que essas manobras não poderiam ter logar, pelo facto de não haver para o effeito, uma marinha de guerra disponivel e em estado de se entregar a esses uteis exercicios.

Nada, com effeito, pôde desconcertar mais gravemente os planos de um governo.

Comtudo, segundo fidedignas informações de esclarecidas gazetetas, assim é lastimosamente.—Tudo está disposto para que as manobras se façam, excepto a marinha de guerra.

Vejam os :

O cruzador *D. Amelia* prepara-se para receber robaletes, serviço—dizem as informações a que nos reportamos — «que na melhor das hypotheses, não poderá estar concluido antes de dois mezes.»

O cruzador *Adamastor*, que — esclarecem as mesmas informações — «ha seis annos, sem descanso, percorre todos os mares do mundo», — está agora procedendo tambem a reparações importantes, sendo uma das mais necessarias a substituição de mais de 3:000 condensadores.

O cruzador *S. Raphael*, que acaba de chegar ao Tejo, após dezoito mezes de serviço nos mares de Moçambique, «precisa immediato fabrico em quasi todos os seus machinismos, beneficiar a artilheria e as obras vivas.»

Da *Affonso d'Albuquerque* — diz textualmente a informação — «não fallamos sequer, porque, estamos certos, ninguem se lembrará de mandal-a acompanhar cruzadores».

Pelo que respeita aos torpedeiros, «temos já informado—prosegue o texto — que o estado deploravel das suas velhas caldeiras é de molde a exigir as maiores precauções, mesmo dentro do Tejo, quanto mais em viagens no mar alto, ou em experiencias de maior velocidade.»

Finalmente, a informação conclue, com tanto zelo quanta melancolia :

«Resta-nos, portanto, apenas o cruzador *D. Carlos*.»

Comtudo, o governo insiste em levar a cabo as manobras.

E' impiedoso !

A esquadra está—digamos a palavra—manifestamente enferma. O cruzador *D. Amelia* carece de um tratamento activo, que não poderá estar concluido antes de dois mezes. Ignora-se de que natureza seja o seu padecimento, mas falla-se já em que reclama aguas... mineraes. As do mar, pelo visto, não as supporta.

Do cruzador *Adamastor* dizem os jornaes que ha seis annos, sem descanso, percorre todos os mares do mundo. E' um caso de *surmenage*... naval, que reclama uma therapeutica excessivamente meticulosa, repouso, tonicos, n'uma palavra um regimen restaurador, incompativel com todo o genero de manobras, ou de excessos. O cruzador *Adamastor* tem tido uma mocidade muito accidentada. Está expiando os erros do seu passado. E' emfim, uma situação, senão irreparavel, de todo o ponto melindrosa.

O *S. Raphael* regressa d'Africa n'um estado de profunda anemia, em resultado de dezoito mezes de serviço nos mares de Moçambique, onde contrahiu as doencas proprias d'aquelle clima. Tem diante de si uma longa convalescença.

Da *Affonso d'Albuquerque*, os jornaes não ousam mesmo fallar. E' a ataxia locomotora.

Quanto aos torpedeiros, é sufficiente dizer que se reclama para elles as maiores precauções—«mesmo dentro do Tejo».

N'estes termos, persistir na idéa das manobras é absolutamente insensato, sobre ser de uma crueldade, contra a qual grita bem alto a benignidade dos nossos costumes.

Em taes condições, as manobras maritimas iriam reproduzir o spectaculo doloroso das manobras territoriaes de Trajouce. A marinha em peso, como já uma vez o exercito, daria baixa ao hospital, e apenas a Cruz Vermelha provaria, em semelhante conjunctura, ter servido para alguma coisa.

Prudencia !

A marinha de guerra portugueza tem incontestavelmente tradições, mas tem tambem muito caruncho.

Não a ponhamos excessivamente á prova, sob pena de darmos o signal do seu total aniquilamento.

JOÃO-RIMANSO.



As impressões de viagem do deputado Queiroz Ribeiro

Desde Fernão Mendes Pinto que o português experimenta, sempre que se desloca do seu torrão, a necessidade de garrular sobre as coisas que vae vendo e sentindo por esse mundo fóra.

Aqui temos nós o deputado progressista — progressista, ou regenerador? — sr. Queiroz Ribeiro, da illustre casa de Ramires, a contar-nos com desinvoltura e pittoresco, nas columnas do *Primeiro de Janeiro*, a sua ultima viagem a Hamburgo, onde n'este momento se encontra e d'onde methodicamente remette para a grande folha portuense as suas impressões.

E' encantador de simplicidade o illustre deputado ás côrtes. Dir-se-hia que escreve a andar pelas ruas de Hamburgo, n'um livrinho em branco, com um lapis de algi-beira, olhando alternativamente para o papel



e para as janelas. E' o estylo de viagem, leve, portatil, cabendo n'uma bolsa a tiracolo e escapando facilmente ao fisco. Ignoramos se é do invento do sr. Ribeiro, ou se sua ex.^a o adquiriu simplesmente n'alguma loja de malas. O certo é que, como apetrechagem litteraria, é o que ha de mais commodo.

Assim elle nos dá a civilisação germanica aos golos, ás sandwiches, em fatias, em almondegas, em frituras, e se, alguma sensação desagradavel nos fica é a de que lunchamos mal, porque as impressões de viagem do sr. Queiroz Ribeiro — digamos a palavra — são lunches, comidos de pé, com uma mão no copo e a outra no boiso, para pagar. Uma espiça!



Felizmente, o sr. Queiroz Ribeiro, como todo o mortal, fatiga-se, e dizemos felizmente, porque é a occasião de tomarmos alguma coisa com vagar.

Na sua ultima carta, por exemplo, dá-nos elle a honra de nos levar até ao seu hotel, de nos admittir no seu quarto e de nos mostrar as suas malas. Declara-nos que se vae pouco a pouco acostumando á lingua, e confia-nos a sua esperança modesta de a vir a fallar «soffrivelmente». Finalmente, confessa nos que «por causa das duvidas» incluiu na sua «ferramenta de viagem», um bidet de borracha. «Cabe em qualquer parte e livra-me de semsaborias», esclarece elle.



Certamente, deve ter grandes inconvenientes lá fóra, a ausencia de um bidet, para que o illustre deputado, naturalmente afouto, se reputasse, na sua falta, exposto a semsaborias.

Mas este prestante utensilio domestico parece exercer no espirito de sua ex.^a particular seducção, porquanto, deplorando que os hamburguezes não façam do bidet um



uso mais immoderado, exclama com mal dissimulada commoção:



«Ah! os senhores são felizes! Não sabem a poesia d'um bidet!»

Com effeito, n'algumas conjuncturas da existencia, o bidet é um utensilio de que em a a mais delicada poesia. Mas infelizmente, esta passagem pelos aposentos, pela intimidade, pelas malas, pelo lyrismo e pelo bidet do sr. Queiroz Ribeiro é bem curta.

Logo elle nos despede e nos annuncia a sua partida para Londres, d'onde promette continuar a escrever para o *Primeiro de Janeiro*.

Seja sempre bemvindo!



LISBOA NO VERÃO

por CELSO HERMINIO



Ismael no deserto

O DIA FALSIFICADO



Spiridão Cebola, amanuense da Junta Consultiva do Ultramar, levanta-se jovialmente do leito, ao romper das nove e meia da manhã.



Verifica que o seu cheviote inglês do 4500, recebido na véspera, distinje a olhos vistos.



Almoça o seu cafésinho de grão e o seu leite de cal com o bello pão de gesso barado com manteiga de cebo e, assim confortado,



reconhece que o seu Panamá de sete libras, garantido incassable, está n'um figo.



Pede no primeiro estanco um pacotinho de cigarros... de couve, mas ao pagar — ó confissão! — ó vexame! o estaqueiro recusa-lhe o seu níquel falso.



— Mas que é isto? Meio dia! Com effeito, é meio dia. O relógio de Spiridão, comprado na véspera e garantido por um anno, atrazara-se duas horas e meia!



Spiridão decide fazer gazeta á repartição e segue no encalço de uma virgem de Rubens que passa, loira, succulenta e jucunda; mas



— ó surpresa! ó raiva! — Rubens era pintado a cal... virgem. Spiridão brada: Da-nação!



e com um gosto de tinta na bocca, investe com a Praça Publica, que encontra tomada por um enterro... particular.



E' preso na Avenida... da Liberdade, por ter dado uma bengalada no hombro postico de um velho de chinó.



Tem um accesso de cholerina depois de jantar, e em seguida a uma forte ingestão de vinho de sulphato de cobre. Procura naturalmente re... cobrar-se



e ingere copiosa porção de um laxante que completamente o entupe.



Deita-se. Cautelosamente, esparze sobre o leito, farta porção de pós de Keating, mas — ó desespero! — os pós de Keating são



abominavelmente falsificados. Os percevejos, estimulados pelo insuccesso do seu perseguidor, precipitam-se sobre elle.



E' então, que, renunciando a uma existencia onde tudo, desde o Amor até a manteiga, é mentira, falsificação e fraude, Spiridão resolve fazer a sua ultima viagem.



Mas o seu suicidio falha. As balas do seu revolver são de gesso, como a farinha do seu pão, e os beijos da sua virgem, e o fim grotesco de Spiridão é contado n'um jornal de grande informação que ignora o que se passa e é redigido por dois escriptores, que não sabem escrever.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



ENTRE POMBINHOS



— Que bem que te fica o teu chinó novo. Has de dar-me uns cabellos para metter n'este medalhão!

Queluz na PARODIA ou a PARODIA em Queluz



«Os Salzares barbados»

Nuestros hermanos . . . Leal



S' hermanos Leal, como já são designados pela imprensa hespanhola os promotores das viagens economicas a Hespanha, estão conseguindo em prol da al-

liança dos dois povos peninsulares, incomparavelmente mais do que já conseguiram, com a sua obra succulenta, o sr. Theophilo Braga, e com a sua ardente oratoria o sr. Magalhães Lima.

E' que os *hermanos Leal*, como Mahomet, promettem um Paraizo muito mais rapido e barato do que aquelles dois apóstolos do iberismo, e, de todo o tempo, o homem impaciente preferiu um passaro na mão a dois apóstolos voando.



As correntes de fraternisação penosamente se estabelecem pelas vias litterarias. Excellentemente o comprehendaram os *hermanos Leal*, pondo ao serviço d'essa obra de um tão largo alcance social, além d'outras vias — as vias ferreas.

O que poderá succeder é que d'aqui a algum tempo nós deixemos de ser para os hespanhoes *nuestros hermanos*, como sempre fomos, para passarmos a ser mais concretamente *nuestros hermanos . . . Leal*.

A hegemonia portugueza na peninsula passará, d'est'arte a ter a sua séde em Lisboa, na *Liquidadora Universal*, que legitimamente poderá tomar o nome de *Liquidadora Peninsular*.



A cerveja e a farinha



semana finda deu lugar, depois da revelação do caso da farinha de trigo, á revelação do caso da cerveja.

O caso da farinha de trigo era a fraude contra o contribuinte.

O caso da cerveja era a fraude contra o Fisco.

Dizer, que entre o fabricante de farinha e o fabricante de cerveja, o nosso coração hesita, é faltar impudentemente á verdade.

Não! O nosso coração não hesita.—Elle vae todo para o fabricante de cerveja.

Por isso—porque não dizel-o? — as providencias pomposas adoptadas contra a fraude da cerveja chocaram o nosso animo, abalado precisamente pela ausencia de providencias contra a fraude da farinha, e quando se tornou publico que o dualismo Inspeccão Geral dos Impostos e Juizo de Inspeccão Criminal, se encontraram em conflicto, por motivo das referidas providencias, nós regosijamos-nos e fizemos todos os nossos votos pela cerveja que é o Fisco, contra a Farinha, que é o Contribuinte.

E' tempo de termos a coragem das nossas opinioes.

Se estes votos podem implicar qualquer genero de perseguições judicias, que ellas venham! Iremos perante a justiça do sr. Jeronymo de Vasconcellos declarar com hombridade e descaro que sim senhor, que nos são eminentemente sympathicos os fabricantes de cerveja e absolutamente odiosos os fabricantes de farinha.



CARAS E CARETAS

por CELSO



— E' esquisito que tendo a cerveja tantos direitos eu fique tão *torto* quando a bebo!

Ouivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.^a

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47



Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PÚBLICO

Imposto do Sello

Está em execução, DESDE 1 DE SETEMBRO DE 1902, a Tab. ell. geral do imposto do selo approvada por carta de l. l. de 24 de Maio d. 902, serão mantidas as disposições actuaes relativas á cobrança do mesmo imposto pela Companhia, e, além d'essas, serão observadas as seguintes em relação á cobrança das novas taxas estabelecidas, a saber:

A.—Bilhetes de assignatura para transporte, por grande velocidade, de comestiveis, nos arredores das cidades.

Taxa por bilhete:

- | | |
|--|----------|
| 1.ª quando o preço da assignatura não exceder a 3\$600 reis..... | 300 réis |
| 2.ª excedendo, mas sendo inferior a 1 \$000 mens. es. | 600 " |
| 3.ª excedendo, de cada 10\$000 reis mensaes ou fracção individual..... | 600 " |
| B.—Documento que substitua a senha de bagagens..... | 20 " |
| Idem, que substitua a senha ou carta e porte de quaesquer expedições, excepto bagagens | 60 " |
- Lisboa, 28 de Agosto de 1902.

Pelo Director Geral da Companhia
O Engenheiro Adjuncto á Direcção Geral
Augusto Luciano S. de Carvalho.



Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administração d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 66, 1.ª, para onde podem ser dirigidos quaesquer pedidos, acompanhados das respectivas importancias.

No Porto:

Em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro, 137, e nas livrarias.

Em Coimbra:

Na livraria Mesquita.

Nas outras terras:

Em casa dos agentes d'A *Parodia*

A CAPA D' "A PARODIA,"
Para o 1.º e 2.º volume
Preço 700 réis cada

O 2.º VOLUME DA "PARODIA,"

Encadernado com a capa especial em percalina.

Preço 2\$500 réis

Ha ainda alguns exemplares do 1.º volume, que se vendem pelo mesmo preço. O porte do correio de cada volume é de 200 réis.



A
ARODIA

O que elles mereciam...



OS NOVOS INIMIGOS DA SOCIEDADE